

76.5.1265-9

IMP

Série de Notas sobre a Guerra

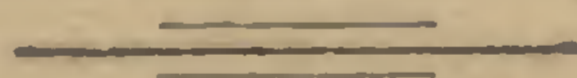
N.º 55

Lot

Mulheres britanicas em todas as frentes

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1917



Mulheres britanicas em todas as frentes

Onde estão os ingleses? disse um escritor americano ha pouco, repetindo a pergunta que faziam os propagandistas alemães na America. E deu logo a resposta:

«Estão em toda a parte. Defendem a sua linha na França e na Belgica, estão reforçando a linha franceza onde e quando seja preciso, estão coadjuvando a Italia, estão deitando fóra os alemães da Africa, estão abastecendo a maior parte do exercito de Sarrail na Macedonia, estão abrindo caminhos pela Mesopotamia, estão protegendo o Egypto, estão vigiando essa importantissima via de comunicação, o Canal de Suez, estão ajudando os russos na Galicia e estão combatendo turcos e alemães na Palestina; ao mesmo tempo de noite e de dia fazem a policia dos Sete Mares, limpando-os de minas e submarinos. Não ha outra nação cujas tropas tenham um campo de batalha tão vasto.»

Essa resposta exprime uma verdade que diz respeito não só aos exercitos e aos homens da Gran Bretanha mas de igual modo aos seus hospitais e ás suas mulheres. «Estão em toda a parte.» As mulheres britanicas teriam encontrado bastante que fazer a favor da causa dos Aliados ficando tranquilamente nos seus lares;

porém issó não as satisfazia. Não as satisfazia tão pouco o servir unicamente nos exercitos britanicos como fazem as mulheres aos milhares — nos campos de concentração, nos hospitais de além-mar em França, na Macedonia, em Malta, no Egypto e nos acampamentos medicos na retaguarda das linhas britanicas. Não as satisfazia este serviço de guerra. Estão agora em todas as frentes. Prestam serviços na França e na Belgica, na Russia e na Servia, na Italia e na Romenia; nos paizes invadidos teem experimentado todos os perigos e todas as inclemencias e teem presenciado os peores horrores da invasão. Não esperaram que as convidassem, foram logo quando a necessidade era urgentissima e quando mais sacrificios custava o atendê-la.

Não se tinha chegado ao fim do segundo mez da guerra e já estava estabelecido em Antuerpia um hospital de 120 camas, cujo pessoal era só formado de mulheres britanicas. Lá ficaram durante o assédio e foi só quando o ultimo doente tinha sido removido e os habitantes tinham fugido, que retirou para Inglaterra. Passado um mez esse mesmo hospital, reabastecido, estava funcionando em França. Emquanto este hospital assistia ao cerco de Antuerpia, outras mulheres britanicas trabalhavam nas ambulancias de campo, acompanhando o exercito belga na sua retirada para o Yser. Estiveram com ele em Ghent, Furnes, Dixmude e em Pervyse, onde a casa de operações estava instalada numa cave, só vinte metros distante das

trincheiras; e um pouco mais tarde, quando os belgas se achavam entrincheirados na sua nova linha, o pessoal do hospital de febres tifoides, instalado em Calais era composto de medicas e enfermeiras britanicas. Isto é só um exemplo do modo porque as mulheres britanicas auxiliaram o exercito belga nos primeiros mezes da guerra. Esse auxilio era tanto mais valioso por ser immediato e no momento de maior perigo para a Belgica. As mulheres britanicas dedicaram-se a ela quando ainda não tinha sido possivel aos exercitos dos Aliados prestarem-lhe soccorro.

No principio de dezembro de 1914, saiu da Inglaterra o primeiro hospital grande, organizado e equipado por mulheres britanicas para servir debaixo das ordens da Cruz Vermelha franceza. Montou-se na velha abadia de Royaumont e tinha naqueles primeiros dias 100 camas. Depois esse numero cresceu até 400 e por esse hospital passaram, nos primeiros vinte mezes, mais de 2.000 doentes. Falando deste hospital disse o Chefe de Laboratorio do Instituto Pasteur que das centenas de hospitais militares que ele tinha visitado, este era o que lhe causava maior admiração. Seis mezes depois saiu para a França outro grande hospital cujo serviço era todo feito por mulheres britanicas. Estabeleceu-se em Troyes; porém ficou ali pouco tempo, pois teve a honra de ser convidado a acompanhar a Força Expedicionaria Franceza á Salonica e ali tem permanecido durante todas as operações militares.

Ao mesmo tempo que o primeiro hospital importante ia para França, um grupo de trinta mulheres britânicas foi para a Sérvia. Logo atrás seguiram outros grupos e no verão de 1915 estavam cinco grupos em serviço naquele país, tendo debaixo dos seus cuidados perto de 2.000 camas. Esse pessoal teve que lutar com o terrível flagelo do tifo, herdado dos soldados austriacos ao retirarem-se, e que se alastrou por toda a Sérvia. Quem não assistisse a esse horror não pode formar idéa do trabalho insano e da dedicação dessas mulheres heroicas. Numa das cidades todas as casas eram hospitais; os doentes jaziam no chão, atulhando corredores e aposentos, sem terem quem os tratasse. Poucos mezes depois da peste veio a invasão dos alemães. Levaram tudo deante de si, exercito e hospitais. Algumas das mulheres britânicas acompanharam pelos desfiladeiros os sérvios em retirada, outras deixaram-se ficar nos hospitais e caíram nas mãos dos austriacos que as detiveram como prisioneiras de guerra pelo espaço de tres mezes. As que foram com os sérvios passaram sete semanas na penosa travessia das montanhas. Conta um escritor sérvio o que elas padeceram; diz que nunca se queixavam e que á noite cantavam em volta dos fogos do acampamento, que a expressão impassivel dos seus rostos e a sua disposição serena, nunca deram a conhecer o quanto elas sofriam.

Quando os refugiados sérvios começaram a afluir a Corsega, um outro grupo de medicas e enfermeiras chegou da Gran Bretanha e tomou

conta dos acampamentos. Quando o exercito servio se reconstruiu e voltou para a guerra, levava tres hospitais, todos com pessoal feminino britanico, ainda que um dos hospitais era mantido á custa de dinheiro americano. Um destes hospitais acha-se actualmente com os servios que reconquistaram parte do territorio da patria, os outros dois estão com os servios que combatem ao lado do exercito romeno.

Poucos mezes depois da Italia se juntar á Grande Aliança, em fins de maio de 1915, já mulheres britanicas se achavam labutando na frente alpina. Formavam uma das quatro auto-ambulancias da Cruz Vermelha Britanica que se apressaram a socorrer a Italia durante os primeiros oito mezes da guerra. Esta unidade tinha um serviço muito especial, ia dum hospital a outro fazer os exames a raios X e tirar fotografias. Muitas vezes tem operado debaixo de fogo; as duas mulheres britanicas que a dirigem foram condecoradas com a medalha de bronze italiana por valor militar, honra que raras vezes, ou talvez nunca, se concedeu a mulheres.

Na primavera e no verão de 1915 inflingiu a Alemanha um grande golpe á Russia; a Polonia estava perdida; as vilas russas caíam uma atraz doutra nas mãos dos alemães; na vanguarda dos exercitos que lentamente recuavam iam em chusma os habitantes dos territorios evacuados. Na primavera seguinte foram para a Russia medicas e enfermeiras britanicas para trabalharem entre os pobres refugiados. Iam de logar

em logar, atravessando um districto apinhado de gente sem habitações. Davam os seus serviços nos hospitais já existentes e abriam novos hospitais nas terras desprovidas. Achavam-se algumas destas mulheres nos hospitais de Kieff durante o grande avanço de Brussiloff quando houve noites de chegarem 9.000 feridos. Outras lutaram com uma epidemia de bexigas numa aldeia da Galicia. Trabalharam no meio de scenas que igualam em horror as do tifo na Servia; em pouco tempo conseguiram inocular 15:000 soldados russos.

Eis uma das fases, uma só das muitas, do modo pelo qual a Gran Bretanha trabalha para auxiliar os seus Aliados, onde o auxilio é mais preciso. E' uma fase da obra imensa que as mulheres da Gran Bretanha teem feito para aliviar os horrores que a guerra tem trazido e dos quais os seus lares estavam a salvo.